

● DISCURSOS PÓS
25 DE ABRIL



Samora
Machel



frelimo vencerá

EDICÃO CASA DE MOÇAMBIQUE

RUA DOS CONDES N: 27-29 • TELEFONE N: 365680-369777 -- LISBOA

MENSAGEM DE SAMORA M. MACHEL AOS MILITANTES
DA FRELIMO E AO POVO MOCAMBICANO

Camaradas

No dia 25 de Abril teve lugar em Portugal um golpe de Estado que derubou o regime de Marcelo Caetano. O golpe de Estado foi organizado por um movimento que surgiu no interior do exército português, denominado de Movimento das Forças Armadas. Este movimento depois de tomar o poder transmitiu-o a uma "Junta de Salvação Nacional" composta por oficiais das Forças Armadas Portuguesas.

O golpe de Estado, segundo declaram os seus autores— o Movimento das Forças Armadas— visa solucionar a crise profunda que atravessa o regime e a sociedade portuguesa no momento actual. Como todos sabemos, esta crise é devida à guerra colonial em que o governo colonialista está empenhado há mais de 13 anos.

No seio do povo português desde há muitos anos se tinha vindo a manifestar a oposição em relação à guerra colonial. Esta oposição cresce e reflecte a tomada de consciência do que é a opressão do nosso povo assim como dos povos de Angola, Guiné-Bissau e Ilhas de Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e outras colónias, não beneficia os interesses do povo português e de que a nossa luta de libertação é uma luta justa, porque nós nos batemos pela conquista dos nossos direitos fundamentais, a independência e a liberdade.

O povo português que já perdeu muitos dos seus filhos na guerra colonial de repressão, compreendeu que esta guerra não corresponde à defesa dos seus interesses, mas sim aos das grandes companhias monopolistas portuguesas e estrangeiras, que exploram o povo português assim como os povos das colónias.

Neste momento, nós saudamos o combate de todos os democratas e anti-fascistas portugueses que corajosamente tomaram e continuam a tomar posições claras contra a guerra colonial e pela nossa independência.

Esta tomada de consciência é pois devida em primeiro lugar à determinação dos nossos povos que não hesitaram em enfrentar os mais duros sacrifícios para conquistar os seus direitos fundamentais.

No decurso da luta armada de libertação o povo moçambicano, sob a direcção da FRELIMO, teve grandes sucessos: libertou largas regiões da dominação colonial, o povo moçambicano reconquistou pela primeira vez desde há séculos a dignidade de homens livres e o exercício da sua livre so-

berania;desferiu golpes severos contra o aparelho colonial de dominação e repressão,infligiu ao exército colonial perdas severas em homens e material de todo o tipo.

No plano internacional,a nossa luta permitiu a afirmação da personalidade do Povo Moçambicano e ganhou o respeito e a admiração de todos os Povos do mundo

Em particular nos dois últimos anos,a nossa luta conheceu sucessos espetaculares quando os planos colonialistas para bloquear a nossa luta frq cassaram e os combatentes da FRELIMO começaram a operar na zona central do país,nomeadamente na Província de Manica e Sofala,desferindo golpes severos nos centros sensíveis do aparelho de exploração colonialista e imperialista,e estendendo continuamente a luta armada para o sul do país.

Estes sucessos semearam o pânico no seio do colonialismo e convenceram-no de que a vitória exclusivamente militar já não era possível perante a determinação do Povo Moçambicano e a capacidade política e militar da sua organização dirigente,a FRELIMO.

No plano internacional,um número cada vez maior de forças,partidos,governos e organizações internacionais tais como as Nações Unidas e as suas agências especializadas,têm condenado a política colonial portuguesa e reconhecem a FRELIMO como o legítimo representante do Povo Moçambicano.

O isolamento do colonialismo português no plano internacional tornou-se quase total:dos países africanos até mesmo alguns aliados tradicionais de Portugal,incluindo certos membros da OTAN,das organizações e partidos políticos das mais diversas tendências até organizações e entidades religiosas,incluindo o próprio Papa,inúmeras vezes se têm levantado no mundo inteiro condenando a barbaridade do colonialismo português.

Hoje toda a opinião mundial apoia plenamente a luta do Povo Moçambicano pela libertação do seu país porque compreende plenamente a justiça da sua causa.

A luta armada de libertação nacional foi desencadeada para por termo à dominação colonial portuguesa.

Invadido e ocupado por um país estrangeiro,privado de todos os seus direitos políticos,submetido à exploração do seu trabalho e das suas riquezas pelos monopólios capitalistas,privado da sua personalidade,da sua história e da sua cultura,o Povo Moçambicano jamais se vergou à dominação colonial.

Perante a brutalidade da exploração e da repressão e dos massacres, o Povo Moçambicano compreendeu claramente que estas manifestações não eram o resultado dos erros do colonialismo mas que eram inerentes à sua própria natureza.

Enquanto houver colonialismo, enquanto houver dominação e exploração de um povo por outro, sempre haverá opressão, torturas, massacres e descrições.

Ao pegar em armas em 25 de Setembro de 1964 o Povo Moçambicano sob a direcção da FRELIMO afirmou bem alto que não recuaria diante do sacrifício da própria vida para pôr termo à dominação estrangeira. Dada a recusa persistente do governo colonialista português em conceder por métodos pacíficos a independência ao Povo Moçambicano, a FRELIMO proclamou a insurreição geral armada contra o colonialismo português, até à conquista da independência nacional completa, único meio para realizar a libertação política, económica e social e afirmar a personalidade cultural do Povo Moçambicano.

Em 1964 estávamos em grande inferioridade de forças perante o colonialismo português. Mas armados da nossa determinação e da nossa unidade e do apoio das forças anti-colonialistas de todo o mundo, guiados pela linha correcta da FRELIMO, de fracos transformamo-nos em fortes desenvolvendo a luta política e armada que permitiu libertar largas regiões do nosso país onde o nosso Povo começou a beneficiar dos frutos da liberdade e onde cresce o verdadeiro poder democrático e popular para benefício das largas massas do Povo Moçambicano. A luta estende-se continuamente para novas regiões e cada vez mais populações participam activamente na luta armada.

Mas nas zonas ainda ocupadas, os militantes da FRELIMO desenvolvem o trabalho político e de mobilização no seio das massas que aguardam ansiosamente o desencadeamento da acção directa na sua região.

Como reagiu o colonialismo português perante o desenvolvimento da nossa luta? De Salazar a Marcelo Caetano o inimigo intensificou cada vez mais a repressão procurando aterrorizar o Povo Moçambicano e sufocar as suas aspirações: multiplicou os crimes, as prisões, as torturas, os bombardeamentos, os campos de concentração. Diante do desenvolvimento contínuo da guerra, os chefes militares colonialistas, recorrem então à tática das grandes ofensivas como a operação "NÓ GORDIO", que foi derrotada vergonhosamente.

Os acontecimentos que acabam de ocorrer em Portugal estão assim intimamente ligados ao desenvolvimento da nossa luta armada, são um reflexo do combate anti-colonialista.

O golpe de Estado teve lugar em Portugal: as transformações a que ele dará lugar poderão conduzir ao estabelecimento da democracia em Portugal. Nós consideramos esse facto uma vitória para o Povo Português, vitória com a qual nos alegramos, pois a nossa luta nunca foi dirigida contra o Povo Português que estava ele próprio oprimido pelo fascismo.

Em Moçambique, porém, o colonialismo continua e, enquanto ele continuar o Povo Moçambicano continuará oprimido. Só o derrubamento do colonialismo português poderá dar ao Povo Moçambicano os seus direitos, pois só a independência permite realizar a libertação completa e a afirmação da nossa personalidade moçambicana.

Como dissemos em muitas ocasiões, não nos batemos para sermos portugueses de pele preta; temos a nossa história, temos as nossas tradições, temos a nossa personalidade que desejamos afirmar como Povo livre e soberano.

A luta armada pela conquista da nossa plena independência tem progredido graças à identificação total do nosso Povo com este objectivo, levando-nos de sucesso em sucesso.

Desesperado com a expansão contínua das chamadas de combate libertador, o exército colonial passou a recorrer de forma sistemática aos massacres de populações, matando dezenas e centenas de pessoas, como aconteceu em Mocumbura, em 1971, em Wiriamu em 1972, em Chawola em 1973, em Inhaminga em 1974, para referir somente alguns dos massacres mais bárbaros que chegaram ao conhecimento da opinião internacional.

Que resultados obteve com estes massacres? Conseguiu desencorajar o Povo Moçambicano? Bem pelo contrário.

Estes massacres em vez de desmoralizar, só serviram para tornar mais clara a face real do inimigo.

O espírito de resistência tornou-se ainda mais forte e mais determinado, a luta armada estendeu-se ainda com mais vigor para novas zonas.

O único resultado da intensificação da repressão foi o de criar uma crise interna e um isolamento Internacional sem precedentes para o colonialismo português.

Perante a determinação do Povo Moçambicano e os sucessos da luta armada da libertação nacional, certos sectores no seio do próprio exército português puseram em causa a política colonialista de repressão dos direitos legítimos do Povo Moçambicano à sua independência.

Torna-se pois claro que o colonialismo português não pode ganhar a guerra no plano militar.

Que conclusão resta tirar? Se a guerra não pode ser ganha, a única solução é o reconhecimento de que a força não pode reprimir a vontade do Povo Moçambicano à independência e que a única solução é o reconhecimento do direito do nosso Povo à sua libertação e independência totais.

No entanto os sectores reaccionários não desarmam: conscientes de que não poderão ganhar a guerra e que caminham para a derrota inevitável tentam recorrer a manobras que eles chamam "solução política".

A nossa experiência tem mostrado que cada vez que o inimigo conhece derrotas no campo militar, ele recorre a manobras. Tivemos ocasião de ver no passado como ele tem recorrido à sobversão, infiltração de agentes, assassinatos de dirigentes, incitações à deserção, tentativas de estimular ideias reaccionárias no nosso seio.

No plano da propaganda o inimigo recorre à mistificação política, utilizando termos como "autonomia" e "autodeterminação", que ele deturpa e pelos quais ele procura desmobilizar a opinião pública, nacional e internacional. O governo de Caetano era perito nessas manobras que se traduziam pela utilização de nomes novos e pela mudança das designações: chamou "Moçambique" Estado, chamou à União Nacional, A.N.P., chamou à PIDE-DGS. Mas se os nomes mudavam o Povo Moçambicano era cada vez mais oprimido, a repressão era intensificada, a guerra colonial tornava-se cada vez mais bárbara.

No momento actual, ao mesmo tempo que em Portugal forças democráticas cada vez mais numerosas se pronunciam contra a guerra colonial e pela independência dos Povos das colónias, os sectores reaccionários que vivem da exploração do trabalho e da pilhagem dos recursos naturais dos Povos das colónias, não se dão por vencidos.

Em Moçambique, estas forças estão activas e beneficiam do apoio dos países racistas vizinhos — a África do Sul e a Rodésia. Estes grupos, desesperados com a queda do Caetanismo que lhes fez perder o controle total da situação de que dispunham até agora, vão fazer todos os esforços para se oporem à independência do nosso Povo.

A sua acção vai situar-se principalmente em dois planos: intensificação da repressão e multiplicação das manobras com o objectivo de encontrar novas formas para manter a dominação colonial.

Devemos estudar e prever as formas que vão tomar tais manobras para saber como nos opôr a elas.

Vamos assistir à criação e reforço de grupos fantoches colaboracionistas ao serviço do colonialismo, cuja tarefa será a de procurar mostrar que o governo colonialista português está a satisfazer as aspirações do Povo Moçambicano à independência.

Todas estas manobras visam semear a confusão a fim de criar a ilusão de que já somos independentes e que por isso já não devemos lutar.

A criação e o reforço de grupos fantoches será acompanhada de intensificação do recrutamento de tropas fantoches tais como os GE, GEP, Companhis dos Comandos de Moçambique, FLECHAS e OPV, que serão engajados na repressão de forma crescente a fim de mascarar a agressão estrangeira e apresentá-la como guerra civil entre moçambicanos.

Nos planos das forças reaccionárias e colonialistas a repressão continuará e intensificar-se-á abatendp-se com força sobre todos os nacionalistas: a prova é que em Moçambique, a PIDE-DGS não desaparece, apenas sendo os mesmos criminosos da PIDE-DGS integrados dentro do exército.

As forças reaccionárias vão dedicar-se, em particular, à intensificação do trabalho de infiltração de agentes nas nossas zonas, com o objectivo de difundir as palavras de ordem do inimigo, semear a confusão, minar a disciplina no seio das forças armadas e perturbar o trabalho da reconstrução nacional nas zonas libertadas.

Vamos assistir ao lançamento de apelos, por meio de panfletos e por meio da rádio, como o fizeram outros traidores no passado, procurando incitar os combatentes e a população a renderem-se.

Convencidos do mito racista da inferioridade e incapacidade dos africanos, as forças colonialistas que recusam a aceitar que o Povo Moçambicano seja capaz de lhes inflingir as derrotas que vêm sofrendo, vão intensificar a sua propaganda que pretende apresentar-nos como agentes de forças estrangeiras.

No plano internacional, as manobras terão como objectivo enganar a opinião pública internacional, procurando apresentar o Povo Moçambicano como Povo já livre e que aceita de sua livre vontade a dominação portuguesa, assim como já havia tentado Marcelo Caetano. Alguns moçambicanos fantoches serão levados para circular através do mundo para defenderem o colonialismo português.

Será que tais manobras poderão ter sucesso?

Para responder a esta pergunta devemos mais uma vez recorrer à experiência do passado. Qual foi o resultado das inúmeras manobras que o inimigo tentou no passado?

Em primeiro lugar devemos sublinhar que cada nova manobra apareceu sempre como resultado de uma nossa vitória, de um nosso progresso no plano político-militar.

As manobras a que as forças reaccionárias vão recorrer neste momento, serão também, como no passado, tentativas de responder aos grandes sucessos que a nossa luta obteve ultimamente,

Mas assim como as tentativas anteriores fracassaram, também as manobras futuras fracassarão. O nosso Povo está maduro politicamente, unido solidamente em torno da FRELIMO, graças à experiência de 12 anos de luta política e militar contra o exército colonial e contra todo o tipo de manobras subversivas.

Devemos, no entanto, estar particularmente atentos à multiplicação de crimes contra a população africana e europeia, que os colonialistas vão procurar atribuir à FRELIMO como tentaram anteriormente.

A este respeito, a FRELIMO deseja reafirmar mais uma vez, claramente a sua política em relação à população civil europeia: a luta armada de libertação do Povo Moçambicano tem como objectivo a libertação completa do Povo Moçambicano, do sistema colonial português: os seus alvos são o aparelho militar, policial, administrativo e económico de dominação. Todos aqueles que vivem do seu trabalho honesto não constituem objectivo para as nossas armas.

A FRELIMO não opera qualquer discriminação nas suas fileiras: moçambicanos de todas as rças, origens e confissões religiosas são membros da FRELIMO desde que se disponham a lutar contra o colonialismo português e sigam a linha política da FRELIMO, que visa conquistar a independência total e completa de Moçambique — do ponto de vista político, económico, social e cultural.

Por esta razão queremos chamar a atenção de certos sectores da população europeia que estão a ser manipulados por grupos ultra-reaccionários que os incitam contra a população africana e contra a FRELIMO com o objectivo de criar uma guerra racial entre brancos e pretos em Moçambique. Estas forças ultra-reaccionárias e ultra-racistas, aliadas com a África

do Sul e a Rodésia racistas, estão preparadas para todas as aventuras, a fim de impedir a independência do Povo Moçambicano. O Povo Moçambicano deve mobilizar-se a fim de fazer fradassar tais manobras que visam colocar o nosso país na dependência total da África do Sul e da Rodésia. Os governos racistas destes países, que receiam a independência de Moçambique que os prove da mão de obra escrava moçambicana, graças à qual fazem funcionar as suas explorações mineiras e plantações, que de outro modo seriam anti-económicas, farão tudo para utilizar os colonos brancos de Moçambique como instrumentos da sua política.

A população europeia deve desassociar-se dessas manobras que são contrárias aos seus interesses e aos do Povo Moçambicano.

Aos moçambicanos brancos, homens e mulheres, jovens e velhos, trabalhadores, estudantes, intelectuais, empregados, funcionários e outros, cujo apoio e participação à luta de libertação tem vindo a crescer, e cujos sentimentos nacionalistas constituem uma razão de orgulho para o Povo Moçambicano inteiro, cabe intensificar decisivamente a acção no quadro da FRELIMO, para fazer triunfar os nossos ideais de liberdade e independência total e completa de Moçambique.

A guerra colonial será intensificada, mas será, ao mesmo tempo, acompanhada de uma campanha demagógica sobre a paz, procurando acusar a FRELIMO de ser a responsável da guerra.

O Povo Moçambicano, os combatentes da FRELIMO que são o Povo Moçambicano em armas não são profissionais da guerra: querem a paz, mas a paz que queremos, a paz real, não pode existir enquanto o colonialismo dominar o nosso Povo.

A paz é inseparável da independência nacional, pois só com a independência nacional terminará a guerra e haverá paz em Moçambique, camaradas,

As manobras que se aproximam são pois uma repetição embora mais intensa das manobras precedentes: importa por isso prepararmo-nos para rechaçá-las em todos os planos.

Devemos em primeiro lugar reforçar e consolidar a nossa unidade, política e ideológica, continuar a mobilizar o Povo Moçambicano em volta da bandeira da FRELIMO e das palavras de ordem de independência total e completa de Moçambique no plano político, económico, social e cultural.

Só a independência total e completa poderá permitir aos moçambicanos dirigirem o seu país, libertarem a sua economia da dominação dos monopólios estrangeiros, acabarem com a exploração e fazerem viver e desenvolver a sua cultura.

Devemos intensificar e estender para novas zonas a luta armada de libertação nacional, que nos permitiu alcançar já grandes sucessos, a fim de acelerar a derrocada do colonialismo português.

Devemos intensificar a mobilização e explicação do programa da FRELIMO, tanto junto dos militantes como junto da população, a fim de consolidar a nossa Organização e as nossas estruturas, reforçar o poder popular, único instrumento capaz de servir os interesses das largas massas e dar o verdadeiro conteúdo à independência, justificando assim os inúmeros sacrifícios que temos consentido.

Devemos denunciar todos os grupos fantoches compostos de velhos e novos lacaios pretos e brancos ao serviço do colonialismo português a fim de os neutralizar.

Devemos reforçar a vigilância contra as tentativas do inimigo de infiltrar agentes nas nossas zonas, estando atentos contra todas as palavras de ordem que visem semear a confusão, minar a disciplina, ou diminuir o reforço da luta.

Impermeabilizemos as nossas fileiras contra a infiltração do inimigo e dos seus agentes, em particular contra a tentativa de desvirtuar a natureza do nosso combate, tentando transformá-lo em guerra racial.

Neste momento em que a nossa luta, assim como a luta dos Povos irmãos de Angola, da Guiné-Bissau e Cabo Verde, se mostrou capaz de criar uma crise sem precedentes em Portugal, que anuncia a derrocada do colonialismo português, devemos mobilizar-nos para generalizar a nossa ofensiva em todas as frentes desde a luta armada à reconstrução nacional, para desferir golpes ainda mais duros e acelerar a derrota do colonialismo português e do imperialismo.

Unamo-nos, forcemos a nossa unidade política e ideológica, intensifiquemos a luta para conquistar a nossa liberdade e a nossa independência, realizando na prática a nossa palavra de ordem que é mais actual do que nunca:

A LUTA CONTINUA. INDEPENDÊNCIA OU MORTE.
VENCEREMOS.

SAMORA MOISÉS MACHEL
Presidente da FRELIMO

MENSAGEM DO CAMARADA SAMORA MACHEL

24/7/74

Vivemos um momento exaltante da nossa história em que a luta armada de libertação nacional, a resistência patriótica das massas unidas pela PRELIMO do Rovuma ao Maputo provoca o desmoronamento do regime colonial português. A determinação inabalável do nosso combate e dos povos irmãos de Angola e da Guiné-Bissau conduziu à falência o regime colonial fascista de Marcelo Caetano. O legítimo dever internacionalista de solidariedade permite-nos afirmar que com a nossa luta, os nossos sacrifícios já contribuimos para libertar o povo português nosso aliado, duma longa e abominável opressão. O nosso combate foi benéfico para os outros povos porque sempre soubemos defender com correção a natureza do inimigo, dos alvos, objectivos e métodos da luta. As vitórias da nossa guerra popular de libertação ligadas à queda do regime fascista na metrópole colonial criaram condições para que nas zonas ocupadas, largas massas do nosso povo afirmassem clara e publicamente a sua decisão de conquistar o direito mais sagrado e inalienável: A independência total e completa de Moçambique. Face a esta situação, o colonialismo intensifica as suas manobras: revestindo-se de uma fachada de democracia que sempre combateu e combate, o colonialismo desesperadamente, lança em novos e vazios jogos de palavras. Armandose em defensor do povo que sempre oprimiu e oprime, o colonialismo tenta, sem pudor, disfarçar-se em defensor das massas. Criador de divisões, fomentador do racismo, o colonialismo pretende ainda apresentar-se como promotor da coexistência e relações harmoniosas entre os diversos grupos linguísticos que compõem o nosso povo. Derrotado numa das mais sangrentas guerras coloniais, o colonialismo pode ainda perguntar ao nosso povo se desejava ser independente, Bárbaro agressor, responsável por massacres selvagens, criminoso de guerra, o colonialismo diz-se agora pacífico. Em vão. O povo desmascara e rechaça a manobra. Anonimamente, moçambicanos e moçambicanas de todas as raças, crenças religiosas e origens sociais, identificam-se com a PRELIMO. Rejeitam as manobras divisionistas dos grupos fantoches criados pelo inimigo. Combatem intransigentemente as tentativas de perpetuar o colonialismo sob velhas e novas formas. Nas plantações, nas fábricas, na estiva, nos caminhos de ferro, repartições, nas escolas, na universidade, nas comunidades religiosas, no seio do exército colonial, em todas as zonas ainda ocupadas pelo inimigo, em todos os sectores do trabalho, desenvolve-se impetuosa a luta do nosso povo pela independência nacional contra o colonialismo e a sua guerra de agressão. A unidade do nosso povo, a sua firmeza, permitem que continuamente se alastre a nossa luta libertando a terra e os homens da dominação inimiga. Vemos assim na Província da Zambézia que, embora iniciada há menos de um mês, a luta cobriu já mais de um terço da Província, mobili

zando o ímpeto libertador de negros e brancos irmanados na sua personalidade moçambicana; decisão de conquistar a independência da Pátria. Em poucas semanas mais cinco mil patriotas voluntariaram-se para ingressar nas fileiras das forças populares de libertação de Moçambique. Moçambicanos de todas as raças, forçados a ingressar no exército colonial, desertam e utilizam as suas armas para defender os interesses populares. Com profunda alegria, o Povo Moçambicano saúda a deserção de mais de um milhar de soldados do exército colonial, na maioria pertencentes aos grupos especiais GE e grupos especiais paraquedistas GEP. Estes nossos irmãos compreenderam que o colonialismo os queria transformar em agressores do seu povo. Eles decidiram-colocar-se ao lado das massas, manifestar a sua personalidade de patriotas moçambicanos, combaterem pela liberdade. Este magnífico despertar da consciência estende-se a todas as regiões do nosso país. Sujeitos à intoxicação da propaganda colonial-fascista, vítimas de numerosas provocações cometidas pelos terroristas, nítida influência de uma Rodésia fascista, a população branca de Vila Pery, convencida pelas nossas acções que a FRELIMO é o verdadeiro defensor dos interesses do Povo, os que vivem do trabalho honesto, querem construir um novo Moçambique: fazendeiros e madeireiros, encabeçados pelo Governador de Distrito vieram encontrar os nossos combatentes, com o objectivo de transformar o seu Distrito numa zona de Paz. A FRELIMO felicita a população branca de Vila Pery, pela sua tomada de consciência - acto histórico, promissor para o futuro da nossa Pátria, susceptível, desde já, de criar novas zonas de Paz no nosso País. A criação de zonas de Paz, significa a vitória do combate unitário do Povo pela Independência Nacional, significa iniciar em mais uma região o processo de reconstrução nacional, e instauração do poder popular e democrático. Para que essa Paz se torne real na cidade de Vila Pery e nas zonas circunvizinhas, importa que, as autoridades de facto, administrativas e militares, sigam escrupulosamente as instruções que lhes serão dadas pelos dirigentes locais da FRELIMO, representantes legítimos da vontade do poder popular. Essencialmente essas instruções implicarão: numa primeira fase, neutralização do exército colonial de ocupação, a permissão para os soldados moçambicanos de todas as raças de regressarem às suas casas, de virem para as zonas libertadas, desarmamento das milícias e forças privadas e a tomada de medidas energéticas contra os grupos terroristas e agentes provocadores; simultaneamente importará desenvolver um trabalho político de mobilização e organização das massas negras e brancas para esclarecimento e consciencialização, para a descolonização mental, colectiva e individual, que a todos libertará de complexos de superioridade e inferioridade, com vista à consolidação da unidade nacional, instrumento fundamental para a conquista da nossa independência, força motriz do nosso desenvolvimento. A posição política

da população de Vila Pamy integra-se na larga corrente de transformações que se operam na nossa Pátria. De todas as zonas ainda ocupadas pelo inimigo, chegam-nos numerosas mensagens, abaixo-assinados e cartas: operários, camponeses, estudantes, funcionários de todos os escalões incluindo os mais elevados, agricultores, comerciantes, industriais, membros de profissões, religiosos, organizações de toda a espécie, todos nos escrevem afirmando a sua adesão pela FRELIMO, o repúdio às manobras colonialistas incluindo o referendo e sublinhando a determinação em libertar a Pátria. Particularmente significativa para a FRELIMO são as cartas enviadas por pessoas que, não sendo naturais de Moçambique se radicaram nesta terra, identificando-se com o nosso povo, como moçambicanos querem edificar a nossa Pátria. A todos saudamos e dizemos que a FRELIMO é o Povo Moçambicano e que nas nossas fileiras há lugar aberto para cada moçambicano e moçambicana, para todos os que se queiram afirmar como moçambicanos, incluindo os que, não sendo naturais de Moçambique, querem viver e construir um novo Moçambique.

De primordial importância no momento actual é a posição tomada pelos soldados engajados à força pelo exército colonial numa guerra opressora. Todos nos congratulamos com a atitude corajosa e patriótica de 2.000 soldados de Boane e do Quartel de engenharia de L. Marques declarando o seu apoio à FRELIMO e à independência total. Sendo em fim a Paz real, os soldados recusaram justamente serem enviados para as zonas operacionais. De salientar que nos dois quartéis esta atitude foi apoiada por numerosos militares portugueses; da mesma maneira os fuzileiros navais estacionados no Chire, na província da Zambésia, recusaram ser engajados nas operações. Esta atitude dos soldados em L.M., em Boane e no Chire não é isolada. Recebemos muitas mensagens de sargentos e praças inclusive oficiais de escalões superiores do exército colonial em Moçambique, declarando o seu apoio à causa da independência moçambicana e informando da sua repulsa em participarem em acções contra o nosso Povo e combatentes. Mais recentemente numa reunião no U.G. de Nampula, grande número de oficiais superiores portugueses, pronunciaram-se pelo fim das operações contra o nosso Povo e combatentes. O Povo Moçambicano, militantes e combatentes e Comité Central da FRELIMO saíram a torada de posição das esperanças e oficiais portugueses contra a guerra colonial, cancro que rei os nossos dois países. Eles compreenderam que se encontravam engajados numa guerra injusta ao serviço de interesses sórdidos. Estes militares, diariamente, na sua carne e consciência sofrem as consequências de uma política criminosa, verificaram que o prolongamento inútil da guerra estima-se simplesmente a criar as bases dum sistema que perpetua a exploração do nosso Povo e riquezas pelas Companhias monopolistas multinacionais estrangeiras. Estas

Praças, sargentos e oficiais que durante dez anos sofreram por interesses alheios ao Povo Português, soberam assumir os laços de amizade entre os nossos Povos e querem conduzir e de certo contribuir para a consolidação desses laços. A estes nossos amigos dizemos que desde já, é possível instaurarmos a paz, desde que seja reconhecido o nosso direito fundamental à independência. Estas manifestações anónimas do Povo Moçambicano e dos soldados moçambicanos do exército colonial e agora dos próprios militares portugueses, demonstra claramente que o prosseguimento da guerra é da responsabilidade exclusiva do governo colonialista português. O governo de Lisboa recusa ainda aceitar a vontade clara do Povo Moçambicano e do próprio exército português, por isso que agora não reconhece o direito do Povo Moçambicano à sua independência completa e total nem o princípio da transferência dos poderes, que ainda exerce, à PRELIMO, legítima representante do Povo Moçambicano. Esta obstinação é criminosa e contrária aos interesses comuns dos nossos Povos e destinam-se exclusivamente a retardar o fim da guerra e permitir em conivência com os sequazes do regime colonial fascista a instalação de terceiras forças fantoches a soldo do imperialismo. As campanhas de provocação e terrorismo que envolvem vários pontos, nomeadamente as cidades de Lourenço Marques e Beira comprovam amplamente esta realidade. Tal como durante os regimes de Salazar e Caetano as forças reacçãoárias portuguesas jogam com a vida dos filhos do Povo Português no exército colonial para salvaguardar os seus interesses mesquinhos. Neste contexto recai uma responsabilidade particularmente grave sobre a nova administração colonial de Moçambique, encabeçada pelo governo de Soares de Melo. Esta administração apenas representa e exprime os interesses estrangeiros, os interesses do colonialismo. A sua tolerância e colaboração com elementos fascistas e racistas, a sua passividade perante as provocações incríveis dos terroristas, a sua caução à agressão colonial mostram definitivamente aqueles que ainda tinham ilusões que, conforme a PRELIMO declarou já aquilo a que o governo português chama de governo provisório não é senão uma administração colonial. O Povo Moçambicano inteiro, unido do Rovuma ao Maputo sob a bandeira da PRELIMO quer a liberdade, a paz e independência que são inseparáveis.

O colonialismo português será batido, o Povo Moçambicano vencerá. Lançamos a palavra de ordem mobilização. Organizemo-nos numa larga frente unitária para a independência nacional e a paz.

A LUTA CONTINUA
 INDEPENDÊNCIA OU MORTE
 VENCEREMOS